

CAPITULO 7.

Bartok, o cromatismo expressivo.

A politonalidade parecia abrir perspectivas muito ricas para a Música, entre as duas guerras. O vento mudou e, sem ter dado tudo o que se poderia esperar dela, a politonalidade deixou de ser, no momento pelo menos, uma técnica atual. Voltemos nossa atenção, portanto, para outra coisa.

Até aqui tratamos de músicos para os quais a invenção do cromatismo não apareceu como uma fatalidade inevitável e que se incumbiram, assim mesmo de maneira bastante vitoriosa, de mostrar que a música diatônica ainda tinha muito a dizer e que não tinha nenhuma razão para se retrair diante da sua jovem rival. Chegamos agora a músicos prontos a salvar o salvável.

Bela Bartok é um compositor para quem o cromatismo representa o modo de expressão mais adequado para o que ele tem a dizer. Com ele começamos a ver aparecer o princípio de um certo direito, por parte de cada um dos doze sons da escala, de tomar parte, organicamente, no grande jogo musical. Mas não se trata de um nivelamento. Não há uma inversão brutal do antigo regime e não se manda à força os seus aristocratas*: tônica, dominante e subdominante. Outras mãos não de se encarregar da operação, como logo veremos.

Em Bartok há, sobretudo, coexistência pacífica entre um dia-tonismo modal muito amplo e um cromatismo organizado segundo métodos que foram, de sua parte, objeto de uma pesquisa extremamente complexa e meticulosa. Ele encontrou a justificação disso em sua descoberta de uma grande tradição musical, completamente estranha às regras clássicas, a de um folclore ainda bem vivo e de uma riqueza tão fabulosa que a existência inteira de vários pesquisadores do calibre de um Bartok, de Kodaly e de Lajtha não bastou para inventariá-lo.

É preciso compreender bem que não temos, na França, nenhuma idéia do que é folclore. Muitos séculos de civilização ensinaram-nos a ouvir segundo os modos da música erudita, e não é

* (1) autor faz, aqui, referência ao refrão revolucionário do *Ça ira*, durante a Revolução Francesa, que exigia que os aristocratas apontados pelo furor popular fossem enforcados nas cordas dos lamplões de rua. (N. do T.)